

Caderno de Oração - QUARESMA 2013

Renovar o Amor, renovar a Esperança



« Se podes...! Tudo é possível a quem crê » Mc 9, 23

Família Missionária Verbum Dei

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Filipa Baptista
Francisco Valles
Joana Simões de Almeida
Joana Branco
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Mónica Maruny
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Ana Leal
Ana Rute Sabino
Filipa Amaro (Missionária VDei)
Helena Tuna
Leonor Balcão Reis
Susana Carreiro

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

"Renovar o amor, renovar a esperança"

4 INTRODUÇÃO

PARTE I | Quaresma

- 12 Introdução
- 15 13 Fevereiro - Quarta-feira de Cinzas
- 19 17 Fevereiro - I Domingo de Quaresma
- 23 24 Fevereiro - II Domingo de Quaresma
- 28 3 Março - III Domingo de Quaresma
- 33 10 Março - IV Domingo de Quaresma
- 37 17 Março - V Domingo de Quaresma

PARTE II | Semana Santa

- 42 Introdução
- 45 24 Março - Domingo de Ramos
- 50 28 Março - Quinta-feira Santa
- 54 29 Março - Sexta-feira Santa
- 58 31 Março - Domingo de Páscoa

PARTE III

- 64 Introdução
- 65 Catecismo da Igreja Católica (excertos)

- 73 Próximas actividades da FaMVDei Lisboa

O drama do bem e do mal

Uma das nossas queridas missionárias disse uma vez uma frase que nunca mais esquecerei: “Deus fala-nos através da nossa consciência... mas cuidado com a nossa consciência!”

Agora que entramos na Quaresma e que refletimos sobre o bem e o mal, a propósito das tentações que Jesus teve no deserto, convém-nos não esquecer estas palavras sábias porque o discernimento que fazemos sobre o que nos convém e sobre o que não nos convém não depende só do que o Espírito Santo nos inspirar, como também da nossa consciência.

Quando a nossa consciência é do tamanho do mundo e somos pessoas voluntariosas, viver a Quaresma obrigando-nos a cumprir determinados sacrifícios, pode não custar muito...

Se por outro lado temos uma fraca consciência e somos preguiçosos, é possível chegarmos à Semana Santa num espírito em tudo semelhante ao do Verão: de descontração e despreocupação.

Dito assim parece que só uma Quaresma carregada de sacrifícios é uma Quaresma bem vivida. Longe de mim tal ideia! O que penso ser útil refletirmos é que, ao pensarmos sobre a entrega de Jesus e sobre o seu caminho até à cruz, tenhamos o cuidado de não nos deixarmos levar pelas ideias pré-concebidas que a nossa formatada consciência nos pode levar a ter...

E se o sacrifício que o Senhor me pede para fazer este ano fosse, por exemplo, reservar duas horas por semana para

fazer algo de que realmente goste e me dê prazer? Faz sentido? Talvez para uma pessoa egocêntrica não faça porque já passa o seu dia-a-dia a fazer o que lhe dá mais prazer, mas para uma pessoa trabalhadora e esforçada, talvez faça... Depende da consciência de cada um!

A questão fundamental é tentar perceber de onde vem o sopro do amor. Porque o sopro do amor pode vir do lado que me é mais estranho se não me libertar das correntes que ponho à volta do Espírito Santo na minha vida...

Como o Pe. Carreira das Neves refere no artigo abaixo citado, a própria ideia de Jesus, que era Deus, ser tentado pelo mal, pode parecer estranha... não estava Jesus acima das tentações?

E se Jesus teve tentações, quantas tentações não teremos nós que nem reconhecemos como sendo tentações?

Comer chocolate se sofro do fígado é uma tentação? Sem dúvida, mas não são essas que o mal gosta de nos oferecer todos os dias... São as tentações que nos falam através da nossa consciência que o mal adora oferecer-nos todos os dias e são nessas que nós caímos diariamente.

Nos dias de Natal e Ano Novo fomos visitar tantas pessoas que no final do ano estávamos tão cansados que deixámo-nos dormir e não pudemos ir à missa de manhã. A única alternativa seria ir no final do dia, mas para isso não podíamos estar muito tempo com a minha sogra... não tive dúvidas, achei que o Senhor preferia que fizéssemos companhia à minha sogra, mas não fomos à missa...

Nem sempre é fácil discernir a vontade do Senhor, separar o bem do mal ou até um bem maior de um bem menor, mas vale a pena esvaziarmo-nos de preconceitos e deixarmos que o Senhor nos inunde com o seu Espírito de amor único.

Que esta Quaresma seja uma oportunidade de crescermos em sabedoria no discernimento do bem e do mal, do que nos convém e do que não nos ajuda a viver o amor e em paz!



Tentações de Jesus

Este ano, por razões várias, fiquei muito surpreendido com o facto de algumas pessoas, praticantes católicas, me interpelarem escandalizadas com a leitura evangélica do primeiro domingo da Quaresma sobre as “Tentações de Jesus”.

Entre essas pessoas apareceu também um padre. Nunca me passara pela cabeça que tal fosse possível! O facto merece um apontamento de explicação. É porventura escandaloso que Jesus tivesse sido tentado pelo Diabo? É uma tentação humana e cristã ter semelhante dúvida sobre as tentações de Jesus?

(...) Nós falamos, em cristologia (isto é, em estudo teológico sobre a pessoa de Jesus Cristo), que há duas naturezas em Jesus: a humana e a divina. Mas semelhante distinção não existe na bíblia hebraica e pensamento hebraico. Por causa desta distinção, na antropologia real de Jesus, surgiram heresias e, com elas, concílios para formular a ortodoxia.

A questão fundamental parte do princípio e preconceito sobre se Jesus foi apenas um homem como qualquer um de nós, embora dotado de dons especiais. Nos tempos do Racionalismo liberal dos séculos XVII-XVIII assim pensou muita gente. Jesus foi um homem extraordinário e nada mais. O mesmo aconteceu no século XIX com o romantismo do Jesus da doce Galileia, rodeado do lago, pescadores, gente pobre e simples, com os lírios dos campos, oliveiras e vinhas. O doce Jesus da Galileia apelava ao sentimento e à ecologia fraterna. Mas nada de Jesus como alguém com poderes divinos, taumatúrgicos, profeta, Messias e Filho de Deus!

Mas o verdadeiro Jesus foi, realmente, o Jesus das tentações. Não foi nem um liberal, nem um romântico, nem

apenas um simples homem. Foi um Homem que dividiu a humanidade, que escandalizou a sua família, apóstolos e discípulos, fariseus, saduceus, sacerdotes. Até o próprio João Baptista, na prisão, se escandalizou: «És tu o que está para vir, ou devemos esperar outro?» Jesus responde com a citação de Isaías 61, 1 («Os cegos vêem, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, a Boa-Nova é anunciada aos pobres; e feliz de quem não tiver em mim ocasião de escândalo»).

A Pedro, Jesus chama-o de Satanás (Mc 8, 33), e aos fariseus, que lhe exigiam um sinal do céu para o identificar como taumaturgo de Deus e não do Diabo, respondeu-lhes, “muito chateado” (o texto de Marcos 8, 12, ao pé da letra, diz: «suspirou profundamente»): «Sinal algum será concedido a esta geração!» (Mc 8, 12/ Mt 16, 1-4/ Lc 12, 54-56).

A última grande “tentação” de Jesus acontece no Getsémani. Segundo Lucas 4, 13, «o diabo, tendo esgotado toda a espécie de tentação, retirou-se de junto dele, até um certo tempo». Este tempo é o da paixão, a começar pelo Getsémani. Lucas refere, neste ambiente, duas passagens “diabólicas”. Em 22, 3 escreve: «Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era do número dos Doze». E em 22, 53 é o próprio Jesus que diz: «Estando Eu todos os dias convosco no templo, não me deitastes as mãos; mas esta é a vossa hora e o domínio das trevas.»

Não vamos aqui discutir o tal problema linguístico sobre a “natureza” do diabo ou dos demónios: são pessoas, seres ontológicos, racionais e livres? São entes “divinos” a simbolizar o poder do Mal? A verdade é que a Bíblia é uma grande narrativa onde Deus, anjos e demónios intervêm. Por mais que a ciência e a filosofia perscrutem a raiz do mal no mundo, continuamos como o Job bíblico a cuspir para o céu, cheios de dúvidas e interrogações.

É nesta encruzilhada do drama humano que entra o drama divino de Jesus. Depois do baptismo por João Baptista, cheio do Espírito Santo, embrenhou-se no deserto. É importante reparar no facto dos evangelistas apresentarem o Espírito Santo como agente que está por detrás de toda a vida de Jesus: «Cheio do Espírito Santo, Jesus retirou-se do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto» (Lc 4, 1); «Impelido pelo Espírito, Jesus voltou para a Galileia...» (Lc 4, 14). O que distingue o profeta Jesus dos demais profetas é sempre o Espírito Santo. Os tempos do Espírito Santo confundem-se com os tempos messiânicos. Não é a Lei, a simples Palavra, mas o Espírito que discerne. E quem blasfemar contra o Espírito Santo não tem salvação (Mt 12, 32).

Não admira, pois, que o relato das tentações comece com a figura do Espírito Santo que “leva” Jesus para o deserto. No deserto, Jesus começa a sua “Quaresma”, que lembra as “Quaresmas” de Moisés (Ex 34, 28; Dt 9, 9. 11) e de Elias (1Re 19, 8). Jesus, como todos nós, precisava de meditar e tomar decisões. Mas se Ele era Deus como é que precisava de meditar para tomar decisões? Aqui é que reside o problema das pessoas que me abordaram “escandalizadas”. Como Emmanuel (Deus-connosco), Jesus é a Palavra, o Filho feito carne, em tudo igual a nós, menos no pecado. Meditar, tomar decisões, nada tem contra a divindade de Jesus Deus-Homem. Jesus podia tomar a decisão de ser um Messias esperado à maneira dos apocalípticos judeus daquele tempo, isto é, pediria a seu e nosso Pai um sinal divino e cósmico que tudo transformasse. Não mais guerra, egoísmo, distinção entre pobres e ricos! E foi esse o sinal que os fariseus pediram a Jesus e Jesus lhes negou. E foi também esse o sinal que o Diabo lhe pediu nas três tentações. A narrativa em Mateus 4, 1-11 e Lucas 4, 1-13

(em Marcos é diferente) é um belíssimo midrache bíblico (história criada a partir da realidade de Moisés e Elias e, finalmente, do real Jesus) que retrata o Jesus da história e da fé. Jesus não cede à “tentação” de se apresentar como um grande “malabarista” de milagres cósmicos que viessem acabar com o drama do bem e do mal, com uma história de homens e mulheres sem liberdade em que a “história” é o “locus theologicus” (o lugar teológico) da fé. Como midrache, reparemos que a narrativa tem a ver com a história de Jesus. Trata-se de um relato sobre Jesus e não de um ensino de Jesus.

Nos nossos dias, o mundo do espectáculo é a grande tentação em que Jesus não entrou. Não se trata do “espectáculo” do circo, mas do espectáculo idolátrico/diabólico que embebeda a nossa sociedade. De facto, o Deus das nossas sociedades é o dinheiro, o futebol, as telenovelas, a vaidade, o egoísmo, uma vida de aparências, os ídolos do cinema. E a Quaresma é o tempo de quem acredita em Jesus para que a nossa vida e a nossa sociedade arrepie caminhos de espectáculo e se volte para o verdadeiro Deus. O espectáculo do populismo político e do próprio populismo religioso, que distribui milagres “a la carte”, é contrário à doutrina de Jesus. Faz pensar.

Pe. Joaquim Carreira das Neves, in Mensageiro Santo
Antonio No.5 Maio 2010

parte I Quaresma

Quaresma, caminho de Fé

Para não me deixar influenciar pela negatividade que há no ambiente, começo esta introdução à Quaresma relendo a introdução do caderno do ano passado.

Francamente não sei quem escreveu, mas fê-lo muito bem e de forma muito positiva. Até tenho a tentação de copiar para voltar a mergulhar nas boas ideias que aí se encontram e assim viver a quaresma deste ano!

Não vou copiar tudo, mas quero começar pela parte que diz: “Sim, a Quaresma é um tempo de oportunidades e não de sacrifícios!... Pois bem, a Quaresma trata-se exatamente de um tempo privilegiado de parar e olhar com esperança para a vida que ambicionamos viver... Trata-se de parar para abirmos as janelas do nosso coração de par em par ao Senhor!” (Caderno Quaresma 2012).

Como vêem, estas atitudes servem muito bem para hoje: procurar oportunidades, olhar com esperança e abrir janelas a um vento que areje a nossa vida é o melhor que podemos fazer nestes momentos tão atribulados.

Temos que lembrar que a Quaresma é um caminho. E é suposto que todo o caminho vá dar a algum lugar: não é para ficar instalado nele; é um espaço de passagem, leva a uma meta que é a Pascoa. Mas também é verdade que chegar ou não à meta depende de como nós fazemos o caminho. Isto faz-me lembrar um lema que escolhemos um ano para a nossa peregrinação a Fátima: “Tão importante como a meta é o caminho”. Se não fizermos bem o caminho, pode ser que não cheguemos nunca à meta e vivamos permanentemente cansados num labirinto de caminhos errados.

O caminho da Quaresma temos de o fazer na fé e desde a fé.

É um caminho que deve nascer desde o nosso interior, não como uma norma litúrgica: é uma necessidade, um desejo do coração que nos faz ir mais além, que nos convida a sair dos medos que acobardam, da negatividade que encolhe a generosidade, da crítica que paralisa a bondade, do impossível que mata a criatividade...

Na carta aos Hebreus 11,1, Paulo diz-nos: “ A fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem”.

Por isso, caminhar na fé tem a vantagem de seguir, de continuar, ainda que à nossa volta tudo diga “não é possível”!

Depois de tudo o que disse, fica o convite de vivermos esta Quaresma convictos de que é a que marcará os traços de um caminho em oração, desde os sacrifícios que vão permitir ultrapassar obstáculos difíceis, desde a vivência comunitária que vai dar-nos força, desde a alegria de saber que, a cada passo, estamos mais perto da meta, desde a segurança de que Jesus o faz connosco e Ele pela Sua própria experiência sabe como fazê-lo para não nos enganarmos.

Ide e anunciai que a Quaresma é caminho de Fé!

É urgente anunciarmos o sentido da Quaresma. Ainda que pareça estranho, queremos dizer que temos a anunciar uma grande alegria porque começa para todo o povo de Deus uma caminhada para a vida, uma caminhada interior.

- A nossa recompensa não é estender as mãos para receber um prêmio, mas a própria alegria de fazer este caminho juntamente com Deus, ainda que não sejamos reconhecidos por aqueles que vivem negativos e instalados.

- A conversão a que Deus nos convida não é somente uma transformação de comportamentos, mas sobretudo voltar o coração para Deus. Não é uma caminhada para dar nas vistas, mas é, por fora, dar o testemunho dessa grande alegria de viver por dentro um dinamismo desafiante que caminha para encontrar a meta que é a Vida.



Cinzas cheias de Fé na Vida

- SI 50 “Todavia ainda agora diz o Senhor: Converti-vos a mim de todo o vosso coração...E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes; e converti-vos ao Senhor vosso Deus.” Jl 2,1-2
- 2 Cor 5,20-6,2
- Mc 6,1-6.16,18 “No tempo aceitável te escutei e no dia da salvação te socorri; eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação” 2 Cor5,20
- Jl 2, 12-18

Quando pensamos na quarta-feira de cinzas ficamos um pouco angustiados, porque parece que se trata de um rito que degrada a pessoa. Partimos para a Páscoa desde as cinzas que é como algo cinzento, escuro, sujo... Partimos desde o queimar e desde a destruição.

Serão estas atitudes as melhores para nos prepararmos para a Páscoa?



As cinzas são o resultado de queimar. Aquilo que é queimado ou desaparece ou fica purificado: as duas coisas são boas, o fogo tem um grande poder e as cinzas são como a essência de esse fogo.

Não queimamos por queimar. A cinza deve ser fonte de vida, origem de algo novo, adubo fecundo. Queimamos os egoísmos para que nasça o amor; queimamos as escravidões para que se desenvolva a liberdade; pomos fogo na injustiça para que haja mais igualdade e fraternidade; fazemos arder o medo e a comodidade, para que possa crescer o testemunho e o compromisso...

Temos que recuperar este sentido das cinzas - deixar para trás a ideia negativa, coisa que não é fácil, porque mesmo quando queremos dizer que alguma coisa é pouco importante, pouco alegre, pouco expressivo, pouco... dizemos que é cinzento.

Assim como está a nossa sociedade, temos que ajudar as pessoas, levando-lhes um anúncio de vida, não de morte e as cinzas podem levar-nos a essa dinâmica de vida.

Quando queimamos em nós o egoísmo, a maldade, o orgulho, ou seja, tudo o que não é de Deus, mas sim o que nós vamos deixando ligar-se à nossa vida, descobrimos que fica um punhado de pó... E este pó são as nossas origens; é a terra da qual estamos feitos, é a argila que nas mãos de Deus se transforma num ser vivo! Por isso, a quarta-feira de cinzas origina em nós um processo de conversão que é um dinamismo de vida: voltar à vida que Deus me deu na criação e que Jesus resgata de novo com a sua morte e Ressurreição.

A Igreja, neste dia de quarta-feira de cinzas, convida-nos através das leituras a viver este processo de transformação, num clima de alegria:

“Todavia ainda agora diz o Senhor: Converti-vos a mim de todo o vosso coração...E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes; e converti-vos ao Senhor vosso Deus.” Jl 2,1-2

E São Paulo diz: “ No tempo aceitável te escutei e no dia da salvação te socorri; eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação” 2 Cor5,20

Hoje é esse tempo aceitável, hoje é o dia da salvação!

Apesar de tudo, debaixo das cinzas está escondido todo o amor e a ternura de Deus, e também a nossa fé. Por isso Senhor, eu te peço: Vem! Vem soprar as nossas cinzas para que desperte e se erga o fogo ardente do amor e da fé.

O que devo queimar na minha vida?

O que há em mim que é preciso converter em cinzas?



*Então, amigos pegai com as mãos as cinzas e reparaí
Debaixo da cinza, as brasas põem-se a incandescer.*

*Se o vento soprar, as chamas incendiarão a noite e
repelirão as trevas.*

*Amigos, endireitai-vos com toda a vossa altura que é
igual a Deus.*

Reparaí: debaixo do pó há semente de Deus enterrada.

*Olhai: Deus vem procurar-nos, seja qual for a nossa
aparência.*

*Escutai: Deus faz soprar o vento, e, sob as nossas
cinzas, atea-se o fogo.*

E o grande clarão do nosso amor

*Preciso de aceitar as cinzas para ver que me arrisco a
ser, se não*

Me ergo com todas as forças do espírito e do coração.

*Preciso de aceitar as cinzas para exprimir a minha
fraqueza, mas sobretudo*

*Para me fazer gritar que sou capaz de superar a minha
pequenez, de ser*

*Superior à minha fragilidade, e que sou capaz de
construir com as minhas mãos*

*Coisas perduráveis, de fazer surgir o amor, de restituir a
esperança,*

*de acariciar com carinho, de pôr termo a miséria, de ser
companheiro de Deus.*

Crescer no deserto

- Dt 26, 4-10 “Naquele tempo, Jesus, cheio do Espírito Santo, retirou-Se das margens do Jordão. Durante quarenta dias, esteve no deserto, conduzido pelo Espírito, e foi tentado pelo Diabo. Nesses dias não comeu nada e, passado esse tempo, sentiu fome. O Diabo disse-lhe: «Se és Filho de Deus, manda a esta pedra que se transforme em pão». Jesus respondeu-lhe: «Está escrito: ‘Nem só de pão vive o homem’». O Diabo levou-O a um lugar alto e mostrou-Lhe num instante todos os reinos da terra e disse-Lhe: «Eu Te darei todo este poder e a glória destes reinos, porque me foram confiados e os dou a quem eu quiser. Se Te prostrares diante de mim, tudo será teu». Jesus respondeu-lhe: «Está escrito: ‘Ao Senhor teu Deus adorarás, só a Ele prestarás culto’». Então o Diabo levou-O a Jerusalém, colocou-O sobre o pináculo do templo e disse-Lhe: «Se és Filho de Deus, atira-Te daqui abaixo, porque está escrito: ‘Ele dará ordens aos seus Anjos a teu respeito, para que Te guardem’; e ainda: ‘Na palma das mãos te levarão, para que não tropeces em alguma pedra’». Jesus respondeu-lhe: «Está mandado: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’». Então o Diabo, tendo terminado toda a espécie de tentação, retirou-se da presença de Jesus, até certo tempo. “ (Lc 4, 1-13)

Conseguirei aproveitar esta quaresma para me questionar e crescer? Como posso crescer no deserto?



Por vezes necessitamos de nos distanciar da rotina do dia-a-dia para conseguirmos parar e perceber o que andamos a fazer. Há muitas maneiras de parar. Mas é bom retirarmo-nos para o “deserto”, um sítio “vazio”, sem distrações: sem amigos, filhos, colegas... Ficarmos a sós com Deus e connosco próprios. Sentir o “vazio”. Para mim é difícil ter um tempo assim. Há sempre a família, o trabalho, a televisão, ... algo que devora o nosso tempo (esse bem tão precioso). É preciso fazer um esforço. Por vezes escrever as pistas mensais para o site são o único momento em que estou sozinha face a Deus, em que me confronto e me questiono.

Só parando podemos questionar o que andamos todos os dias a fazer: porque o fazemos, como fazemos, com que objetivos. Jesus parou 40 dias e 40 noites para se preparar para realizar a missão que tinha na Terra. Jesus podia dizer: “40 dias, que desperdício de tempo! Vou estar 40 dias sozinho quando há tanta gente que precisa de mim!” Mas para podermos estar disponíveis para os outros temos que nos preparar, temos que nos libertar do que temos a mais. Jesus libertou-se de tudo durante estes 40 dias, até de alimentos. Quando nos falta o essencial deixamos de pensar racionalmente, Jesus também foi “assaltado” por emoções estranhas: “e se Eu tivesse poder sobre todos os reinos do mundo?”. Mas o Pai permanecia com Ele e Jesus sabia a sua missão na Terra: Amar os homens e ensiná-los a amar o próximo. Para Amar é bom estar desprovido de poder.

Quando estamos no deserto podemos fazer uma “limpeza”, é como a confissão: deitamos para fora o que temos de

imperfeito. Quando estamos no deserto relativizamos as nossas necessidades, como diz o Jorge Palma “reduz as necessidades se queres passar bem”, vemos melhor o que é essencial.

E quando saímos do deserto vemos a realidade de outra forma, com outros olhos, sem máscaras, valorizamos as coisas de outra forma.

Podemos passar pelo deserto quando vemos um filme que nos leva a outra realidade. Um filme passado na Índia, onde a maioria das pessoas vivem com muito menos do que nós vivemos na Europa. Um filme que fala de outras realidades que não as nossas e nos faz questionar a nossa vida.

Tenho atualmente um irmão a viver no Brasil e ele dizia outro dia: “Agora vejo bem a diferença entre a Europa e o resto do mundo”. Na Europa temos uma realidade muito rica, a vida de cada pessoa tem valor, temos muito para além do básico.

Quando saímos do nosso pequeno mundo conseguimos relativizar a nossa vida e as nossas necessidades.



Quarenta dias

Quarenta dias

*Para aprender a escolher,
Para se libertar do que é inútil,
Como quando se faz a travessia do deserto!*

Quarenta dias

*Para ensinar o coração a amar,
Para aprender a amar de novo,
Ao jeito dos tempos de outrora
Em que o amor, pela primeira vez, nos foi revelado!*

Quarenta dias

*Para educar o entendimento,
Para largar as obsessões, as ideias velhas,
Para aceitar abrir-se à verdade!*

Quarenta dias

*Para educar o olhar
Para aprender a ir para além das máscaras, das aparências,
Para aceitar abrir-se à novidade que cada dia traz consigo!*

Quarenta dias

*Para caminhar com outro ritmo,
Para mudar de estilo,
Para mudar de vida!*

Quarenta dias

*Para olhar para os outros, para olhar para Deus,
Para nos pormos à escuta da Palavra de Cristo,
Para deixar que essa Palavra, no segredo, penetre na nossa*

vida

E realize a obra da nossa transfiguração!

Quarenta dias

Para deixar que Deus nos encontre!

A força da Palavra de Deus

Gn 15, 5-12.17-18 Naqueles dias, Deus levou Abraão para fora de casa e disse-lhe: «Olha para o céu e conta as estrelas, se as puderes contar». E acrescentou: «Assim será a tua descendência». Abraão acreditou no Senhor, o que lhe foi atribuído como justiça. Disse-lhe Deus: «Eu sou o Senhor que te mandou sair de Ur dos caldeus, para te dar a posse desta terra». Abraão perguntou: «Senhor, meu Deus, como saberei que a vou possuir?». O Senhor respondeu-lhe: «Toma uma vitela de três anos, uma cabra de três anos e um carneiro de três anos, uma rola e um pombinho». Abraão foi buscar todos esses animais, cortou-os ao meio e pôs cada metade em frente da outra metade; mas não cortou as aves. Os abutres desceram sobre os cadáveres, mas Abraão pô-los em fuga. Ao pôr-do-sol, apoderou-se de Abraão um sono profundo, enquanto o assaltava um grande e escuro terror. Quando o sol desapareceu e caíram as trevas, um brasido fumegante e um archote de fogo passaram entre os animais cortados. Nesse dia, o Senhor estabeleceu com Abraão uma aliança, dizendo: «Aos teus descendentes darei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates». (Gen 15, 5-12.17-18)

O Senhor é minha luz e salvação:

A quem hei-de temer?

O Senhor é protector da minha vida:

De quem hei-de ter medo?

(Salmo 26 (27), 1.7-8.9abc.13-14 (R. 1a))

- A palavra do Senhor tem mais força na minha vida do que as evidências, do que as circunstâncias?
- Estou disposto(a) a abrir-me aos caminhos de Deus quando estes não parecem ser os meus caminhos?



Comecei a rezar a leitura de Génesis 15, cujo título na minha bíblia era “a promessa e aliança de Deus com Abraão” e li uns versículos antes da leitura deste domingo porque me ajudou a contextualizá-la. A leitura começa com o Senhor a aparecer a Abraão e a dizer-lhe: “não temas Abraão, Eu sou o teu protector e vais ter uma grande recompensa”... E Abraão responde “Ò Senhor meu Deus que que podes tu dar-me se eu vou partir deste mundo sem filhos...” e então Deus manda-o sair da tenda e olhar as estrelas.

Abraão queria ter filhos e não tinha; esse é claramente o seu maior desejo e este é capaz, com respeito, de desafiar, de se zangar com o Senhor... é capaz de questionar, de dialogar, de ter uma conversa de intimidade, de amizade com o seu Deus, e Deus promete-lhe uma descendência sem fim... e Abraão acreditou. Acreditar, supôs desafiar as evidências, a biologia (já tinha 75 anos).

Deus promete-lhe algo que já lhe parecia impossível - mas a palavra de Deus para Abraão tem mais força que qualquer evidência: “é a certeza do que não se vê”(Hb11,1) e por isso acredita. E porque acreditou foi possível. Deus define-se “eu sou o Deus que te mandou sair de Ur...” - quem lhe faz a promessa não é qualquer pessoa: é o Deus que ele (que nós) já experimentou na sua vida! Faz uma proposta impossível, mas quem a faz é Aquele que já experimentámos na nossa

vida - para Ele não há impossíveis... ainda que por vezes os seus caminhos não sejam os nossos, não seja como idealizámos!

Para mim era muito tranquilizante ver que Deus não descursa, que Deus leva em atenção os nossos desejos mais profundos e também me ajudava ver isso na vida dos outros... Deus às vezes concretiza os nossos sonhos, não como esperávamos, mas de outra forma completamente imprevisível.

Abraão pergunta, como Maria, e Deus responde... Será que sou capaz de perguntar como Abraão e Maria, de não me assustar e de ser capaz de entrar em diálogo com o Senhor?

Deus dá-lhe indicações e Abraão cumpre, mas a meio do caminho, ao pôr-do-sol, apodera-se dele um grande e escuro terror (chamava-me à atenção a força destas palavras), mas Deus só aparece depois do pôr-do-sol, ou seja Abraão teve de saber permanecer para poder experimentar o compromisso e a aliança de Deus; se ele tivesse fugido com medo não se teria estabelecido a aliança... Sou capaz de permanecer?

Por circunstâncias da minha vida hoje custava-me ler esta palavra e crer que o Senhor me diz “olha o céu. Assim será a tua descendência”.

Que tipo de descendência me propões Senhor? Estou aberta a descobrir que descendência me propões ou estou fixada naquilo que desejo, nos meus caminhos, não me abrindo aos teus? Estou aberta a que possa ser uma descendência diferente da que esperava? Estou aberto a que possa ser uma descendência para além da descendência física? A uma descendência do teu amor, daqueles que podemos tocar com o teu Amor, a uma de descendência de filhos de Deus...

A tua palavra na minha vida é mais forte que as evidências?

Fujo à primeira dificuldade? Ou sou capaz de acreditar na grandiosidade do teu amor e dos teus caminhos? De acreditar que a vida é mais forte que a morte... que o teu Amor basta?

“O Senhor é a minha luz e salvação a quem hei-de temer?” É o protector da minha vida de quem terei medo?

O que tanto tememos?

Quando a vida nos põe à prova, quando nos confrontamos com os nossos limites, os limites biológicos ou outros... quando o que sonhámos se esfuma... como vivo?

Recordava a biografia por exemplo do Nelson Mandela. Como as circunstâncias limite nos podem fazer crescer, aprender a amar mais ou nos podem tornar amargos... depende de como as vivamos.

Como vivo Senhor as dificuldades?

Senhor que a nossa oração possa ser a do salmista e possamos experimentar ou re-experimentar que Tu és a nossa luz e salvação pelo que não há nada a temer.

Jesus é uma pessoa muito interessante; as suas palavras são cheias de sabedoria. A Sua presença aquece o coração. A sua bondade e doçura tocam-nos profundamente. A Sua mensagem constitui um forte desafio.

Mas será que nós O convidamos para nossa casa?

Porventura queremos que Ele venha conhecer-nos entre as paredes da nossa vida mais íntima?

Porventura queremos apresentá-Lo a todas as pessoas com quem vivemos?

Porventura queremos que Ele nos veja na nossa vida quotidiana?

Queremos que Ele nos toque nos pontos em que somos mais vulneráveis?

Porventura queremos que Ele entre na arrecadação de nossa casa, nessas divisões que nós próprios preferimos manter seguramente fechadas à chave?

Desejamos verdadeiramente que Ele fique connosco quando vai caindo a noite e o dia já está no ocaso?

Henri Nouwen, em "Não nos ardia o coração"



Os frutos que não damos

Ex 3,1-
8a.13-15

Salmo
102 (103)

1 Cor
10,1-6.10-12

Lc
13,1-9

“Naqueles dias, Moisés apascentava o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Ao levar o rebanho para além do deserto, chegou ao monte de Deus, o Horeb. Apareceu-lhe então o Anjo do Senhor numa chama ardente, do meio de uma sarça.(...) «Eu vi a situação miserável do meu povo no Egito; escutei o seu clamor provocado pelos opressores. Conheço, pois, as suas angústias. Desci para o libertar das mãos dos egípcios e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa, onde corre leite e mel.»”

Is 50, 4-7

“Quem se julga de pé, deve ter cuidado para não cair”! 1 Cor.10,12

“«Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha. Foi procurar os frutos que nela houvesse, mas não os encontrou. Disse então ao vinhateiro: ‘Há três anos que venho procurar frutos nesta figueira e não os encontro. Deves cortá-la. Porque há-de estar ela a ocupar inutilmente a terra?’.Mas o vinhateiro respondeu-lhe: ‘Senhor, deixa-a ficar ainda este ano, que eu, entretanto, vou cavar-lhe em volta e deitar-lhe adubo. Talvez venha a dar frutos. Se não der, mandá-la-ás cortar no próximo ano».”. Lc 13, 6-9

Os acontecimentos maus da vida não são um castigo de Deus. Por vezes instalamo-nos na vida, criamos uma ideia de nós e de repente somos surpreendidos pelo inesperado. A vida como a conhecemos desaparece. Noutras, Deus chama-nos e dá-nos uma nova consciência de nós próprios. Mostra-nos os Seus planos e descobrimos que os frutos que damos são poucos ou nenhuns.



meu chefe chamou-me para as avaliações anuais. É sempre um momento de alguma tensão latente. Mandou-me fechar a porta do gabinete e mostrou-me as avaliações que pensava dar-me. As minhas expectativas eram diferentes e iniciou-se uma discussão de diferentes pontos de vista. Não sei qual dos dois tinha razão, o que sei é que as perspetivas eram diferentes.

A figueira de que nos fala a parábola do Evangelho de Lucas talvez desse boa sombra, talvez fosse bonita, mas o vinhateiro tinha uma árvore na vinha, que ocupava espaço e não dava fruto. A figueira talvez se achasse confortável: era uma árvore robusta, deveria ter raízes profundas, talvez nem tivesse nenhuma doença. Em suma, era uma árvore bem instalada na vida, apenas não servia o propósito do vinhateiro. Às vezes a nossa vida é assim, instalamo-nos, convencemo-nos que estamos no bom caminho, até construímos uma ideia de nós próprios que se enquadra nos nossos ideais. Depois a vida ajusta-se a este ideal e acreditamos que somos bons; bons profissionais, bons maridos, bons pais, bons cristãos. Mas há uma altura, e não é só quando o chefe fecha a porta do gabinete, em que nos apercebemos que a figueira que achávamos ser, apenas existia na nossa imaginação. Há várias formas de tomar consciência disto. Numa formação em que participei éramos convidados a escrever a nossa opinião

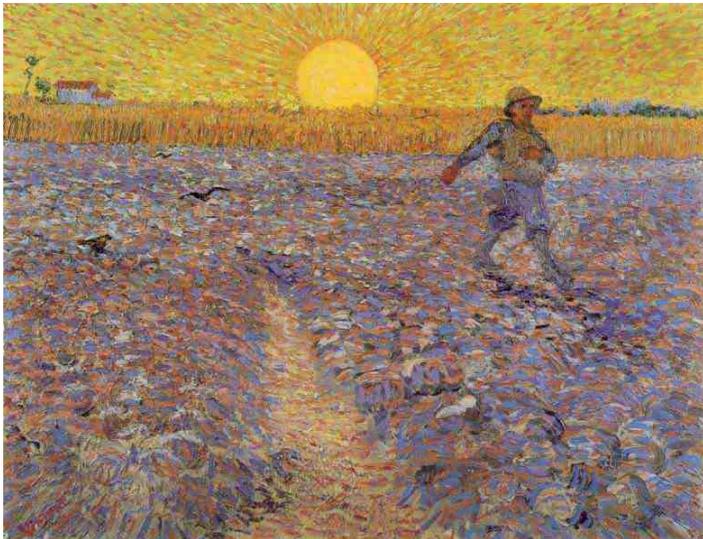
sobre nós e depois eramos confrontados com a opinião dos outros e o choque era terrível. Outro momento que me ajuda a descobrir os frutos que ando a dar são os retiros da Comunidade. Quando me detenho e escuto a voz que lá está, descubro qualquer coisa diferente. Deus parece ter uma ideia diferente de mim. Sem desistir de me aconchegar (por vezes com abanões violentos), mostra-me os frutos que não dou. Tal como o encarregado procura acreditar em mim e proporcionar-me o alimento que preciso para dar vida. O “Eu” que gostaria de ser para me tornar mais feliz!

Tenho uma família que me ama, saúde, um emprego que gosto, bons colegas, bom ambiente de trabalho, ou seja, aparentemente tudo vai bem na minha vida. É lógico que queremos sempre mais qualquer coisa, um carro melhor, outro emprego, mais dinheiro, etc. Nestas alturas sentimo-nos invulneráveis, como se esses extras fossem importantes. Depois, sem aviso, há acontecimentos externos que nos surpreendem. Uma doença de um familiar, o desemprego, a morte de alguém próximo. São alturas em que nos sentimos traídos pelo nosso sentimento de invulnerabilidade, pelo ciclo de coisas boas que achávamos de nós e da nossa vida. O chão desaparece subitamente, sentimos uma vertigem e às vezes ganhamos outra perceção de quem somos. Ninguém pode verdadeiramente justificar uma desgraça do ponto de vista teológico. A pergunta: “por que é Deus deixou que isto acontecesse?” ecoa infinitamente no nosso íntimo. Não tenho respostas. Jesus apenas nos diz na leitura que estas situações não acontecem devido aos nossos pecados. Não são um castigo de Deus.

Na leitura do Livro do Êxodo, Moisés, depois de ter passado privações no deserto, encontra uma família. Nessa altura terá também construído uma imagem de si próprio como alguém

feliz, que tinha passado dissabores e teve uma segunda oportunidade de reconstruir a vida. Mas Deus tinha uma missão para ele. A sua realidade ainda não correspondia às expectativas de Deus. A sua vida podia e deu muitos mais frutos. Também aqui Deus teve compaixão do povo que sofria no Egito. O sofrimento deles não provinha de Deus, mas dos homens.

Pai, ajuda-me a discernir quem sou e o que queres de mim a cada momento. Tal como o encarregado da vinha, trata da tua árvore. Ajuda-me a deixar-me transformar.



Acarinhar a nossa história

O que é que experimentamos quando observamos a nossa história? Que ordens lhe estamos a dar? Que maltratos lhe impomos? A nossa história precisa de respirar, precisa que lhe demos espaço, que se desenvolva, que frutifique, que tenha vida. Que seja vida. E a nossa vida tem sido outra. Impomos-lhe desejos, construimos paredes, levantamos limites. E isso não é sonhar. É outra coisa.

Sonhar é auscultar a realidade. É descobrir-lhe a pulsação. E respeitá-la, acarinhá-la. Fazer dela a nossa vida e a nossa história. E só assim ela será grande e aberta. Aberta ao horizonte, sem limites nem receios, sem maltratos nem ofensas.

Ao surdo abriam-se-lhe os ouvidos e soltou-se-lhe a língua. Abre-te. Abrir o instante, a vida e a história e deixar que ela seja o que sempre foi. Não lhe dê ordens, nem lhe imponhas o teu tempo. Ela, a nossa história, precisa de ser acarinhada.

P. Nuno Branco in toquesdedeus.blogspot.pt

Responder ao Amor

Js 5, 9a.10-12 “E disse: Um certo homem tinha dois filhos;
E o mais novo deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde. E o pai repartiu os bens entre os dois

Sl 33

Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada.

2 Cor 5, 17-21

Lc 15, 11-32

(...) E, caindo em si, disse: ' Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros'. Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe: ' Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.'

(...) Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. Disse-lhe ele: 'O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque chegou são e salvo.' Encolerizado, não queria entrar; mas o seu pai, saindo, suplicava-lhe que entrasse.

(...) O pai respondeu-lhe: Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado.”

Lc 15, 11-32

Todo o instinto de bastar-se a si mesmo, de começar de uma qualquer pureza no isolamento é estéril e privada de bênção. É na ruptura da unicidade que é possível a vida da multiplicação e da bênção.

A quem respondo? O que me move? Deus ou a Lei? O Amor ou as regras?



Depois de já termos lido e rezado vezes sem conta as mesmas leituras, as mesmas parábolas, os mesmos salmos e ainda assim continuarmos a escutar a voz de Deus com a “actualização” que a circunstância de cada um de nós pede, é um privilégio de conhecer a matéria de que é feita a sarça ardente de Moisés que arde sem resíduos de combustão, sem se consumir.

Qual dos filhos estará mais longe do pai?

Esta parábola acaba com o pai a justificar-se ao filho mais velho, ressentido e carrancudo; a explicar-lhe as razões de tamanha alegria, dizendo simplesmente que está muito feliz porque o filho que estava perdido foi reencontrado.

O que provocou aquela reacção do filho mais velho? O que sucedeu a seguir? Que terá feito depois?

Talvez, um dia, bem cedo pela manhã, o pai tenha encontrado um envelope dirigido a ele, em que o filho mais velho lhe dizia que teve de partir porque já não aguentava ser tão cumpridor, ser tão bem comportado, sempre cumprir as ordens do pai o melhor que sabia e que já estava farto. Farto das rotinas, das irritações, dos ressentimentos. Já não aguentava e partia porque a vida, para ele, tinha perdido a alegria e era sem sentido...

Na festa de regresso do irmão, o filho mais velho apercebeu-se que aos seus actos exteriores não correspondiam a uma atitude interior.

Se procuramos a satisfação em nós próprios, se descansamos na nossa perfeição não vamos longe porque não nos relacionamos com Deus, mas com regras, com a Lei... É uma questão de tempo para secarmos interiormente.

Só se nos colocamos na misericórdia e bondade de Deus e no esvaziamento de nós próprios é que estamos no caminho certo.

A perda de unicidade (individualismo) é a condição de toda a fecundidade; todo o instinto de bastar-se a si mesmo, de começar de uma qualquer pureza no isolamento é estéril e privada de bênção (Gn 2, 18).

É na ruptura da unicidade que é possível a vida da multiplicação e da bênção.

A quem respondo? O que me move? Deus ou a Lei? O Amor ou as regras?

A corda da vida não usada

A vida de uma pessoa é uma corda, feita de muitos fios, de diferentes fibras e texturas: o aspeto corporal, afetivo, emocional, sexual, social, intelectual, religioso, político...

Se a pessoa vai conseguindo tecer uma corda única, evitando a dispersão das cordas que se colocam de lado, vai ganhando consistência interna, vai crescendo a sua capacidade de adaptação, vai adquirindo maior liberdade de movimentos, vai crescendo em autonomia.

Se não aprende a entrelaçar estes fios, de duas, uma: ou tenta ignorá-los, mesmo sem pensar nisso, fazendo de conta que não existem, ou, então, deixa-os amontoados e justapostos, por ignorância ou por desprezo, o que aumenta a sobrecarga; e, a dada altura, já não consegue transportar a sua “mochila”.

Uma coisa é certa: sempre que a pessoa cresce na arte de tecer os fios da sua corda a vida passa de traços isolados a uma linha contínua. É um exercício lento, um percurso que nunca é retilíneo. É um rio cujas águas têm uma força imensa e que tem como foz a liberdade. (...)

Claro que as pessoas não são todas iguais; mas é possível perceber a destreza, o acerto ou a ambiguidade com que gerem os seus próprios desafios e problemas, nas circunstâncias mais diversas, por vezes com uma criatividade incrível!

Laurinda Alves & Alberto Brito, sj, Ouvir, falar, amar

Sementes de uma nova vida

Is 43, 16-21 “Vou abrir um caminho no deserto e fazer correr rios na estepe. (...) porque hei-de fazer brotar água no deserto e rios na terra árida”. Is 43, 19-20

SI 125 (126),
1-6 Os que confiam no Senhor são como o monte Sião, que não vacila e permanece para sempre.

Fl 3, 8-14 Mas uma coisa faço: esquecendo-me daquilo que está para trás e lançando-me para o que vem à frente, corro em direção à meta, para o prémio a

Jo 8, 1-11 que Deus, lá do alto, nos chama em Cristo Jesus.

«Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?» Ela respondeu: «Ninguém, Senhor.» Disse-lhe Jesus: «Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar.»

Estamos na quinta semana da Quaresma. E este caminho tem um objectivo, uma meta, algo de novo que já começa a despontar. Não o noto? Que semente de nova vida começa já a germinar em mim? E nos outros?

Que situações estou a viver que são deserto, que me tiram a vida?

Acredito na promessa que o Senhor me faz de que fará brotar água no deserto?



água pode não ser resposta, solução; a água pode ser uma palavra ou a vida de alguém que me ajuda, que me desafia a permanecer fiel. Preciso de estar atento, preciso de educar o meu olhar.

“Os que confiam no SENHOR são como o monte Sião, que não vacila e permanece para sempre.” Qualquer chamada de amor tem um tempo prévio de forja. Para os que permanecem fiéis, o Senhor vai forjando uma nova identidade.

Ajuda profundamente ter os olhos postos na meta, no que queremos alcançar e Paulo dá um testemunho extraordinário:

“Por causa dele [Cristo Jesus, meu Senhor], tudo perdi a fim de ganhar a Cristo e nele ser achado (...). Assim posso conhecê-lo a Ele, na força da sua ressurreição e na comunhão com os seus sofrimentos, conformando-me com Ele na morte, para ver se atinjo a ressurreição de entre os mortos. Não que já o tenha alcançado ou já seja perfeito; mas corro, para ver se o alcanço, já que fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não me julgo como se já o tivesse alcançado. Mas uma coisa faço: esquecendo-me daquilo que está para trás e lançando-me para o que vem à frente, corro em direção à meta, para o prémio a que Deus, lá do alto, nos chama em Cristo Jesus.” (Fl 3, 8-14)

E no Evangelho de João, Jesus com muita sabedoria e de uma forma muito prática, mostra-nos o que é ter os olhos na meta e ajudar outros a fazê-lo. Não olhemos para o passado para condenar. A qualquer momento podemos abrir novos caminhos de perdão, de reconciliação, de misericórdia, de amor, de esperança. A qualquer momento podemos lançar as sementes de uma nova vida. E talvez isso já esteja a aparecer: não o notais?

Ser bom Samaritano

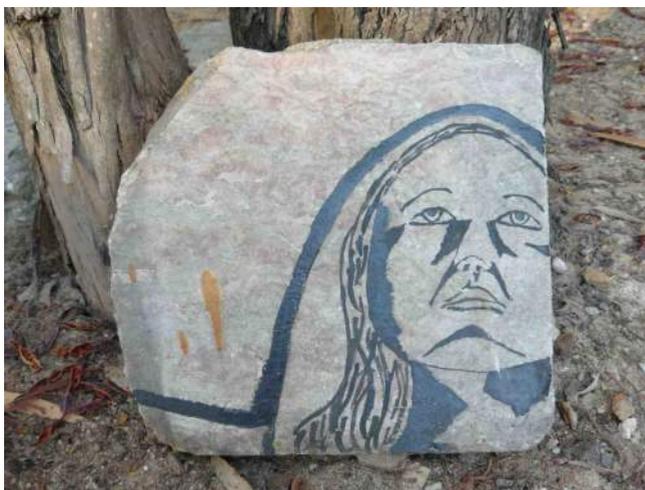
O Ano da fé, que estamos a viver, constitui uma ocasião propícia para se intensificar o serviço da caridade nas nossas comunidades eclesiais, de modo que cada um seja bom samaritano para o outro, para quem vive ao nosso lado.

A propósito, desejo recordar algumas figuras, dentre as inúmeras na história da Igreja, que ajudaram as pessoas doentes a valorizar o sofrimento no plano humano e espiritual, para que sirvam de exemplo e estímulo.

Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, «perita da scientia amoris» soube viver «em profunda união com a Paixão de Jesus» a doença que a levou «à morte através de grandes sofrimentos». O Venerável Luís Novarese, de quem muitos conservam ainda hoje viva a memória, no exercício do seu ministério sentiu de modo particular a importância da oração pelos e com os doentes e atribulados, que acompanhava frequentemente aos santuários marianos, especialmente à gruta de Lourdes. Movido pela caridade para com o próximo, Raul Follereau dedicou a sua vida ao cuidado das pessoas leprosas mesmo nos cantos mais remotos da terra, promovendo entre outras coisas o Dia Mundial contra a Lepra. A Beata Teresa de Calcutá começava sempre o seu dia encontrando Jesus na Eucaristia e depois saía pelas estradas com o rosário na mão para encontrar e servir o Senhor presente nos enfermos, especialmente naqueles que não são «queridos, nem amados, nem assistidos». Santa Ana Schäffer, de Mindelstetten, soube, também ela, unir de modo exemplar os seus sofrimentos aos de Cristo: «o seu quarto de enferma transformou-se numa cela conventual, e o seu sofrimento em serviço missionário. (...)

Fortalecida pela comunhão diária, tornou-se uma intercessora incansável através da oração e um espelho do amor de Deus para as numerosas pessoas que procuravam conselho». No Evangelho, sobressai a figura da Bem-aventurada Virgem Maria, que segue o sofrimento do Filho até ao sacrifício supremo no Gólgota. Ela não perde jamais a esperança na vitória de Deus sobre o mal, o sofrimento e a morte, e sabe acolher, com o mesmo abraço de fé e de amor, o Filho de Deus nascido na gruta de Belém e morto na cruz. A sua confiança firme no poder de Deus é iluminada pela Ressurreição de Cristo, que dá esperança a quem se encontra no sofrimento e renova a certeza da proximidade e consolação do Senhor.

Mensagem do Papa Bento XVI para o dia mundial do doente 2013



parte II **Semana Santa**

«Para quem navega sem destino, todo o vento lhe é contrário»

Sentava-me mais uma vez naquela capela sem qualquer ilusão de que “algo” acontecesse... não esperava que Tu me disesses nada de novo, Senhor, nem que tivesse a sorte de ter alguma intuição, mas não estava preocupada, nada preocupada...

Ultimamente vejo a oração como um gesto de fidelidade para contigo, um momento em que aceito estar contigo e nada mais, mesmo que não sinta que Tu me digas nada.

O silêncio era o que caracterizava aqueles minutos, mas era um silêncio saudável, que me trazia paz, por isso não estava nada preocupada...

Olhava por aquela janela gigante da capela e via as estações a passar. Reconhecia-te nas alterações daquela árvore, ora carregada de folhas, ora nua e sem nada a protegê-la do frio. Mas não me preocupava, saboreava a paz, esvaziava-me da tentação em estar ali para resolver os meus problemas, concentrava-me em simplesmente “estar”.

Também há muito que não me assustava com as dúvidas de fé que antes me atormentavam. Eram tantas as situações que me diminuía a “fé”, aquele acreditar em Ti convencional, que já nem lhes dava importância. Sentia-me a sorrir interiormente de cada vez que ouvia e, em vez de acreditar, arrepiava-me... intimamente sentia que Tu, naquela situação, não estarias como seria suposto, como as pessoas pensavam... como no milagre de determinadas curas e no poder milagroso de rezas intermináveis... mas nem isso me preocupava...

Mas naquele dia, fixei aquele crucifixo sem cruz, aquele corpo de Jesus de madeira nu...

Porque é que este crucifixo não tem cruz...?

Porque a cruz não é o mais importante. O essencial é a atitude que Jesus tem em cada situação. Para Jesus, não é determinante uma pessoa ser pecadora ou estar doente, para Jesus, o essencial é que, dali para a frente, a vida mude, que o “simples” facto de estar com Ele marque um antes e um depois: seja para melhorarmos como pessoas (deixarmos o pecado), como para nos curarmos de tudo o que nos deixa doentes.

Lembro-me de alguém me dizer que se Jesus tivesse sido morto numa “cadeira eléctrica”, que os cristãos andariam com “cadeiras eléctricas” ao pescoço...

O mal não é mais forte do que o bem!

As “cruzes” da vida fazem parte dela, assim como as flores e os frutos, por isso porque é que nos concentramos tanto nas cruzes, na “cruz”...? Faz todo o sentido o crucifixo sem cruz! Não lighes à cruz, às cruzes, olha para o Senhor que te sorri, que não está nada ralado com os teus defeitos, com o teu feitio, com as tuas caídas, nem com as tuas infidelidades... concentra-te no essencial, foca o olhar no corpo de Jesus, nu, sem nada, Jesus, por si só, pode salvar-te. Sem grandes raciocínios, sem grandes intuições, com a simplicidade e a docilidade para o acolher a ponto de ser tão especial no teu coração, que o “simples” facto de estar com ele, te molde e te transforme...

Nestas “falhas” de fé que tenho vindo a sentir nos últimos anos, é engraçado como sinto que Tu estás cada vez maior em mim, Senhor!

Foram tantos os anos com tantas certezas e tantas orações e

no entanto é agora, na pobreza em que me sinto no meu acreditar em Ti, que Te sinto tão grande e tão seguro em mim, Senhor...

Será que nós, cristãos, com tantas cruces e calvários Te perdemos?

Seremos demasiado masoquistas e pouco confiantes no milagre que é a vida?

Que fé tenho eu para que, tendo experimentado tantas vezes a alegria de estar contigo, continue a desejar tão pouco ficar contigo...?

Será a obsessão da cruz que me entristece o olhar a ponto de não te ver?

E no entanto, Senhor, contigo, tudo é graça, tudo é gratidão e paz...

Ajuda-nos, Senhor, a não Te perdermos de vista nesta Semana Santa, Senhor, e, quem sabe, a não nos concentrarmos tanto na cruz...!!!



*«Para quem navega
sem destino, todo o vento
lhe é contrário» Séneca*

Tudo é possível a quem vive com fé

- Is 50, 4-7 “O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba amparar, com uma palavra, os que andam extenuados. Todas as manhãs, Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos, e eu não resisti, nem recuei um passo.” Is 50, 4-7
- Sl 21 (22)
- Fl 2, 6-11
- Lc 22, 14-23

“Jesus Cristo, de condição divina (...) aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou e Lhe deu o Nome que está acima de todos os nomes (...) E toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.” Fl 2, 6-11

Se acreditássemos que na nossa vida diária somos chamados a ser Eucaristia, a ser Pão para os outros, alimentados pelo Amor de Deus... poderíamos viver muitos momentos de uma forma radicalmente diferente.

E o que fazemos com a confiança em nós depositada? Caímos na tentação de não nos “partirmos” ou arriscamos e entramos na vertigem do Amor sem fim?

Tudo necessita de energia para se mover. O combustível de Jesus era o Amor do Pai sem limites. Era isso que Lhe dava força e o fazia entregar-se aos mais pequenos, aos pobres, aos cegos e aos cativos com tanto afínco.

E não nos pede nada que não tivesse feito: “Fazei isto em memória de mim!”



Como é bom começar este tempo de oração e de relação mais próxima com Deus-Jesus, com as palavras que dirigiste aos Apóstolos: “Tenho desejado ardentemente comer esta Páscoa convosco”.

Acredito que diriges estas mesmas palavras a cada um de nós, sempre que Te damos espaço no nosso coração e na nossa vida. Seja qual for a circunstância, o momento da nossa existência... desde que o vivamos conTigo...é de facto o tempo mais importante! Faz-me confiar também que a minha vida, a vida de cada um, tem imenso valor, que se manifesta já hoje (no momento presente) na entrega diária, nos pequenos gestos (tantas vezes tão difíceis e aparentemente repetidos e sem grande significado...). Experimento cada vez mais que é o Amor, o teu Amor entregue (que pode ser exprimido em tudo e em todos) que dá sentido a tudo... (até mesmo aquilo que não entendemos).

Se vivemos com Deus e em Deus, se vivemos com fé e na fé, tudo é possível...Até mesmo, tal como diz o profeta Isaías, acreditar que em cada manhã, em cada dia, o Senhor dá-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba amparar, com uma palavra, com um gesto, uma atitude, um silêncio, os que andam extenuados e incrédulos...

Ajuda-nos Senhor, a acreditar, a experimentar a tua presença, a não ter medo de transmitir os sinais do teu Amor, a sermos presença na vida dos outros, tal como te fizeste presente, te fazes presente...

Mas para “não resistirmos, nem recuarmos” perante a tua presença, precisamos de um coração alimentado e recompensado com a Tua Palavra e o Teu Amor.

Ao rezar a leitura do Evangelho de S. Lucas, sinto-me chamada a ser pão para o mundo. Aliás, todos somos chamados, não só a ser sal e luz, mas também pão para o mundo...

Pão que é tomado (escolhido), abençoado por Deus, partido e entregue para benefício de muitos.

É Jesus quem nos pede, por Amor: “Façam isto em memória de mim”. Não somente no momento da Eucaristia, mas convida-nos a fazermos da nossa vida uma Eucaristia! A vivermos cada dia, desde que acordamos até que nos deitamos, como uma Eucaristia viva...

Viver como Escolhidos (tomados): viver cada dia sabendo que somos filhos amados de Deus e irmãos dos outros; aprender a celebrar e a saborear frequentemente esta realidade de sermos amados; sermos também criativos na forma como podemos contagiar esta experiência aos nossos irmãos.

Viver como Abençoados: descobrir em tudo e em todos, nos outros, em cada momento, a presença do Pai. A oração é cada vez mais uma forma de receber esta bênção. Ir caminhando por este mundo distribuindo “bênçãos”.

Viver como “Partidos”: viver plenamente as várias dimensões e a complexidade da vida humana; viver centrados no próximo, nos outros, em vez de nos centrarmos nas nossas fragilidades e incapacidades. Ter a confiança de que não nos vamos desestruturar, pois é o Amor do Pai que nos sustenta e alimenta.

Viver como “Entregues”: saber viver a entrega diária com Amor, procurando sempre o Bem Maior, “treinando” cada vez

mais o Amor gratuito, generoso... Viver a alegria e a esperança dos frutos da entrega...

- Em que situações faço experiência de “ser escolhido”? Como posso transmiti-la aos outros?
- Que bênçãos quero agradecer hoje? Quais são as bênçãos que posso distribuir aos outros?
- Em que situações tenho receio de me “partir”? Onde preciso que Tu me sustentas, me situes?
- Onde e a quem me custa entregar? Que frutos da entrega já consigo viver?

Quero pedir-te Pai, por nós e por tantas pessoas que muitas vezes trilham este caminho a “sangue frio”... São “partidos”, entregues todos os dias sem conhecerem o teu Amor, sem deixarem que Jesus os toque, os acolha, os encha de Amor...

Tudo o que é feito por Amor e com Amor não se perde, mas muitas vezes vive-se o momento presente sem sentido e espera-se o futuro sem esperança.

Ajuda-nos neste caminho diário que é sermos Eucaristia e alimento em tantas vidas.

Ajuda-nos, Mãe, a estarmos atentos a tantas situações e a entregarmo-nos, com Amor, nas pequenas coisas do dia-a-dia.

*"Eu pedi forças
e Deus deu-me dificuldades para me fazer mais forte.*

*Eu pedi sabedoria
e Deus deu-me problemas para resolver.*

*Eu pedi prosperidade
e Deus deu-me cérebro e músculos para trabalhar.*

*Eu pedi coragem
e Deus deu-me obstáculos para superar.*

*Eu pedi amor
e Deus deu-me pessoas com problemas para ajudar.*

*Eu pedi favores
e Deus deu-me oportunidades.*

*Eu não recebi nada do que pedi,
mas recebi tudo o que precisava..."*

(autor desconhecido)

Tudo é possível a quem serve com Fé

- Ex 12, 1-8, 11-14 “Esse dia será para vós uma data memorável, que haveis de celebrar com uma festa em honra do Senhor.” Ex 12, 14
- Sl 115 (116)
- 1Cor 11, 23-26 “Sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciareis a Morte do Senhor, até que Ele venha.” 1 Cor 11, 26
- Jo 13, 1-15 “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a Sua hora de passar deste mundo para o Pai, Ele, que amara os Seus, que estavam no mundo, amou-os até ao fim.” Jo 13, 1

Se acreditássemos que na nossa vida diária somos chamados a servir pelo e com o Amor de Deus... poderíamos viver muitos momentos de uma forma radicalmente diferente.

Compreender o significado do lava-pés e do amor radical de Jesus através de exemplos concretos de pessoas que cruzam a nossa vida.

E não nos pede nada que não tivesse feito: “Fazei isto em memória de mim!”



Estou a escrever estas pistas no Metro (o tempo urge...). Lisboa à hora de ponta é igual a muitas cidades Europeias: muita gente diferente e apressada a caminho das escolas e serviços. Escolhi “serviços” em vez de trabalhos porque não me sai da cabeça o lava-pés.

O que me queres dizer Senhor? A que serviços me desafia este ano?

Uma vez por ano, na praia, tenho uma tia que por gosto, saber e vocação (médica) arranja os pés a todos os familiares que quiserem. Calos, peles e unhas, tudo é tratado a rigor. A quem nunca experimentou ser assim mimado, recomendo vivamente. E, sobretudo os homens que não estamos tão habituados a estas coisas façam-no, quanto mais não seja para sentirem o conforto final e olharem o lava-pés com outros olhos. O gesto de Jesus é muito agradável para os discípulos, basta imaginarmos as estradas poeirentas de Israel há 2000 anos atrás para o percebermos. E Ele fá-lo com a mesma alegria e simplicidade da tia Madalena. Ter parte com Jesus é desfrutar do Seu carinho para connosco.

Como colocar-nos ao serviço se não sentimos que Ele nos ama? Já não nos disseram as missionárias mil vezes que o serviço separado do Amor é (apenas) activismo? O Jesus que se entrega por nós é o mesmo que nos desinstala ao pedir a nossa ajuda porque precisa que continuemos a anunciar a Boa Nova.

Por que pessoas quero agradecer ao Senhor? Quem me acarinha e trata?

Sinto-me amado por Deus? Quem mais precisa dos meus “serviços”?

Nos dias que vão correndo, seria de extrema importância que todos amássemos “os nossos” até ao fim. Os nossos colegas, os nossos chefes, os nossos subordinados, os de nossa casa, os da nossa comunidade.

Fez dia 1 de Janeiro 8 anos que o meu avô me “explicou” o que era amar até ao fim. Não foi apenas estar com a minha avó até ao seu último suspiro, umas horas antes. Foi ultrapassar-se a si próprio – a falta de vista por causa das cataratas, a idade, a solidão e a incompreensão dos familiares – apenas e só por amor, para cuidar dela. Todos achávamos que era trabalho e responsabilidade demais para ele. Puro engano. Demais era viver longe da sua companheira de uma vida inteira. Foi um lava-pés diário durante 10 anos, que me confessou começar todas as manhãs com uma oração. Ainda hoje o Carlos ama a sua Cassilda e sente a sua falta todos os dias. Porque o fim, ainda não chegou, porque o Amor é mesmo mais forte que a própria morte.

Ajuda-nos Senhor neste caminho diário que é servirmos amorosamente quem mais precisa de nós e quem está ao nosso lado.

Ajuda-nos, Mãe, a estarmos atentos a tantas situações e a entregarmo-nos, com Amor, nos serviços do dia-a-dia.

“Como Pai, a única autoridade que para Si reclama, é a autoridade da compaixão. Esta autoridade advém-Lhe de permitir que os pecados dos filhos Lhe penetrem no coração. (...) A dor é muito profunda, precisamente por o coração ser muito puro. É a partir desse lugar profundo onde o amor abraça toda a dor humana, que o Pai vai até aos filhos. (...)”

É neste Deus que quero acreditar: um Pai que, desde o princípio da criação, abre os braços numa bênção cheia de misericórdia, sem forçar ninguém, mas esperando sempre; sem deixar cair os braços, e esperando sempre que os filhos regressem para Lhes poder falar com palavras de amor e para deixar que os braços cansados repousem nos seus ombros. O seu único desejo é abençoar.”

Henri Nouwen in “O regresso do filho pródigo”



Amor que grita

- Is 52, 13 – “Irmãos: Tendo nós um sumo-sacerdote que
53, 12 penetrou os Céus, Jesus, Filho de Deus, permaneçamos firmes na profissão da nossa fé. Na
Hb 4, 14-16; verdade, nós não temos um sumo-sacerdote incapaz
5, 7-9 de Se compadecer das nossas fraquezas. Pelo contrário, Ele mesmo foi provado em tudo, à nossa
Jo 18, 1 – 19, semelhança, excepto no pecado. Vamos, portanto,
42 cheios de confiança, ao trono da graça, a fim de alcançarmos misericórdia e obtermos a graça de um auxílio oportuno. Nos dias da sua vida mortal, Ele dirigiu preces e súplicas, com grandes clamores e lágrimas, Àquele que O podia livrar da morte, e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho, aprendeu a obediência no sofrimento. E, tendo atingido a sua plenitude, tornou-Se, para todos os que Lhe obedecem, causa de salvação eterna. Palavra do Senhor.” Hb 4, 14-16; 5, 7-9

Neste dia Jesus revela a grandeza do seu Amor. Um Amor que põe a nu as “mortes” do povo do seu tempo.

Quais as minhas “mortes”?

O que me impede de viver este Amor revelado por Jesus?



Sexta-feira Santa poderia ser um dia de tristeza profunda para todos os que são cristãos. Realmente, todas as descrições que o Evangelho de hoje nos revela podem parecer tristes. Nem mesmo Pilatos, que não encontra pecados em Jesus tem coragem de O salvar. É triste ver como se liberta da culpa e permite que o homem, Jesus, seja crucificado.

Nós, homens deste tempo, somos privilegiados, pois não só ouvimos falar da ressurreição do Antigo Testamento, como também da ressurreição daquele que por nós Se tornou homem.

Por isso, a Sexta-feira Santa tem o peso da morte de Jesus, mas um peso suavizado pela certeza da sua Ressurreição. Ressurreição que daqui a pouco tempo vamos celebrar cheios de júbilo.

Sexta-feira Santa encerra em si o mistério de um Deus que se fez homem até aos últimos limites. Jesus morre como um ser humano: sofre, tem sede, suplica ao Pai. Mas em Si, está também a grandeza sublime de Deus: dá testemunho do Pai mesmo quando o maltratam, compadece-se com aqueles que estão à sua volta, aceita “o cálice”.

Somos privilegiados em podermos contemplar no dia de hoje um Amor Sem Limites. Um Amor que se dá sem nada pedir em troca. Um Amor que se dá por aqueles que conhece e estão com Ele e por aqueles que hão-de vir. Jesus morre naquela cruz, morre por mim e por ti. Morre por este Amor que quer que descubramos. Hoje, Jesus volta a gritar a urgência de vivermos este Amor. Quando leio o Evangelho de hoje, é isso que vejo, um grito a clamar durante séculos para vivermos segundo este Amor capaz de superar a morte.

Na realidade a tristeza deste dia é perceber as “mortes” das quais padecemos e nos impedem de viver este Amor.

Que mortes estão por trás da morte de Jesus?

A multidão, e todos os outros que conduziram a que Jesus fosse crucificado, de que tipos de “mortes” sofriram? Medo de perder o poder, medo de mudarem, medo de se despojar...

Será que não continuamos nós a padecer de muitas destas “mortes”? Se eu estivesse naquela multidão o que faria? Se fosse Pilatos o que faria?

E se Jesus estivesse aqui, agora, prestes a ser crucificado o que faria eu?

O que me impede de viver este Amor revelado por Jesus?

Deus também nos ama nestas “mortes” Apesar de ao olhar humano ser difícil de entender. O que Ele nos pede é para olharmos com os olhos da ressurreição para as nossas “mortes”.

Nós somos privilegiados, sabemos que nada acabou ali na morte de Jesus, mas sim que tudo começou.

Maria, Mãe da Dor

*Mãe, venho ante ti,
os meus irmãos estão a sofrer hoje.
Apresento-te o que nunca rezou,
porque ninguém lhe falou de ti.
Mãe, venho ante ti e ofereço-te
suas penas e sua dor,
o pranto daquela criança sem lar
e o idoso que hoje vive a solidão.*

*MARIA, MÃE DO AMOR,
DÁS TEU CORAÇÃO SEMPRE JUNTO À CRUZ.
MARIA, MÃE DA DOR,
LEVA-NOS SEMPRE JUNTO A TI.*

*Mãe, quero-te rezar
com fé do doente na sua dor,
com aquele que lhe custa pensar,
mas que vive a festa interior.
Mãe, quero recordar o faminto
e o que sonha liberdade,
aquele que é rejeitado sem razão,
ou morre, talvez, por semear a paz.*

*Mãe, pobre ante Deus,
faz-nos livres do ódio e do poder.
Que o rancor não nos leve a lutar
e a roubar aos pobres seu pão.
Mãe, pobre ante Deus,
que vivamos a pobreza como tu.
Que Cristo nosso irmão seja luz,
testemunhas com Ele da ressurreição. (in Cancioneiro Verbum Dei)*

Exultemos e cantemos de alegria

Act. 10, 34a,
37-43

« Louvai o SENHOR, todas as nações!
Exaltai-o, todos os povos!

Sl. 117(118)

Porque o seu amor para connosco
não tem limites
e a fidelidade do SENHOR é eterna!

Cl. 3, 1-4

Aleluia! »

Sl 117

Jo 20, 1-9

“Exultemos e cantemos de alegria!”

Não pode ser outra a nossa atitude, nem podem ser outros os nossos sentimentos neste dia de Festa porque o Senhor ressuscitou.



Este é o dia que o Senhor fez: *exultemos e cantemos de alegria!* Não pode ser outra a nossa atitude, nem podem ser outros os nossos sentimentos neste dia de Festa porque o Senhor ressuscitou. Mataram-n’O, suspendendo-O na cruz, mas Deus Ressuscitou-O ao terceiro dia, como nos testemunha Pedro na primeira leitura. Celebramos o dia em que Deus nos abre as portas a uma vida verdadeiramente Nova, a uma esperança inabalável e a um amor sem fim.

“Exultemos e cantemos de alegria” porque, pela Ressurreição, o Pai confirma e aprova tudo o que Jesus fez e disse. Não podemos separar a Ressurreição de Jesus da sua vida e da

sua morte. Deus sela essa carta de amor que foi a vida de Jesus, identifica-se com a sua causa, as suas atitudes, as suas palavras, os seus gestos, a sua maneira de se relacionar com os outros e a imagem que transmitia do próprio Deus. E Jesus, ao manifestar-nos a Sua presença, através das testemunhas que escolheu, com quem comeu e bebeu depois de ter ressuscitado (cf. Act.10,39-40) dá-nos a garantia de que se O seguimos na sua vida e morte, também vivemos com Ele uma vida de ressuscitados que não acabará nunca.

“Exultemos e cantemos de alegria” porque o Seu Amor é mais forte que a morte, é mais forte que os nossos medos e cobardias, que os nossos interesses e egoísmo. Só esse Amor é capaz de nos transformar e de fazer nascer em nós uma capacidade nova de amar, de ver o outro, de estar na sociedade e de nos relacionarmos com o próprio Deus como Ele é.



“Exultemos e cantemos de alegria” porque Jesus de Nazaré, Aquele que viveu há dois mil anos, não nos deixou apenas uma teoria ou uma doutrina para seguir, mas Ele próprio ficou connosco. Ele está Vivo! Está verdadeiramente connosco. A sua presença é real. Não temos apenas uma recordação do que Jesus viveu, mas temo-Lo a Ele, pessoalmente connosco. É pela fé que nos podemos aperceber desta presença. É verdade que não é uma presença da qual nos damos conta rapidamente. Maria Madalena, ao ver a pedra retirada do sepulcro, pensava que tinham levado o corpo de Jesus para outro lugar, e só mais tarde, é que começou a acreditar que Ele não estava noutra forma física, mas estava com ela de outra forma (cf. Jo.20,1). João “viu e acreditou”, isto é, viu que o corpo não estava ali e apercebeu-se que Jesus estava presente de um modo diferente (cf. Jo 20, 8). Assim, somos nós também convidados a “ver e a acreditar” na Sua presença.

“Exultemos e cantemos de alegria” porque também nós somos testemunhas escolhidas para anunciar, não uma teoria, mas uma Pessoa. Não estamos chamados a dar ao mundo umas regras morais em primeiro lugar, mas sim a anunciar que há Alguém que passou por esta terra fazendo o bem (cf.Act.10,38), que morreu numa cruz e que Ressuscitou, por cada um de nós. Ele viveu uma vida humana de tal forma plena e em comunhão com a vontade de Deus, que quando foi rejeitado e morto numa cruz, Deus o Ressuscitou. Por isso, Ele é para nós a razão da nossa existência, o centro da nossa vida.

Comecemos já

Mais dia menos dia, a morte virá. A sabedoria deste mundo diz que as separações serão sem retorno. Se assim for, as alegrias que vamos tendo – por mais autênticas que sejam – acabam por servir, apenas para enganar uma tristeza sem apelo.

Creio, pelo contrário, que em Deus há memória e coração para todos, redenção para todos os injustiçados da terra. Mais ainda: acredito que teremos um novo, misterioso e bom contacto com tudo e com todos, mesmo com aqueles que nunca conhecemos e com todos os mundos que nunca vimos.

Paulo tem razão: começemos já a viver e a sonhar com a alegria.

Fr. Bento Domingues, o.p. In Público, 13.12.2009

parte III

Aprofundar a Fé... no ano da Fé

Para marcar a celebração do Ano da Fé, escolhemos para a 3ª parte do Caderno alguns excertos do Catecismo da Igreja Católica, para que eles possam ajudar-nos a rezar e, ao mesmo tempo, esclarecer e fundamentar aquilo em que acreditamos.

Tendo em conta a grande dimensão do documento, optámos por tratar, nesta edição apenas a 1ª parte do Catecismo, deixando para uma próxima ocasião, ainda ao longo do ano, uma selecção das outras três partes.

Estrutura do Catecismo

“O plano deste Catecismo inspira-se na grande tradição dos catecismos que articulam a catequese em torno de quatro pilares: a profissão da fé baptismal, os sacramentos, a vida da fé e a oração do crente”.



Catecismo da Igreja Católica (excertos)

PRÓLOGO

1. Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em Si mesmo, num desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada. Por isso, sempre e em toda a parte, Ele está próximo do homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-Lo, a conhecê-Lo e a amá-Lo com todas as suas forças. Convoca todos os homens, dispersos pelo pecado, para a unidade da sua família que é a Igreja. Para tal, enviou o seu Filho como Redentor e Salvador na plenitude dos tempos. N'Ele e por Ele, chama os homens a tornarem-se, no Espírito Santo, seus filhos adotivos e, portanto, herdeiros da sua vida bem-aventurada.

PRIMEIRA PARTE - A profissão de fé

O desejo de Deus

27. O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso:

28. De muitos modos, na sua história e até hoje, os homens exprimiram a sua busca de Deus em crenças e comportamentos religiosos (orações, sacrifícios, cultos, meditações, etc.). Apesar das ambiguidades de que podem enfermar, estas formas de expressão são tão universais que bem podemos chamar ao homem um ser religioso:

Os caminhos de acesso ao conhecimento de Deus

33. O homem: Com a sua abertura à verdade e à beleza, com o seu sentido do bem moral, com a sua liberdade e a voz da sua

consciência, com a sua ânsia de infinito e de felicidade, o homem interroga-se sobre a existência de Deus. Nestas aberturas, ele detecta sinais da sua alma espiritual. «Gérmem de eternidade que traz em si mesmo, irredutível à simples matéria», a sua alma só em Deus pode ter origem.

52. Deus, que «habita numa luz inacessível» (1 Tm 6, 16), quer comunicar a sua própria vida divina aos homens que livremente criou, para fazer deles, no seu Filho único, filhos adoptivos. Revelando-Se a Si mesmo, Deus quer tornar os homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito para além de tudo o que seriam capazes por si próprios.

A resposta do homem a Deus

142. Pela sua revelação, «Deus invisível, na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele». A resposta adequada a este convite é a fé.

143. Pela fé, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador. A Sagrada Escritura chama «obediência da fé» a esta resposta do homem a Deus revelador.

Deus, «Aquele que é», é verdade e amor

214. Deus, «Aquele que É», revelou-Se a Israel como Aquele que é «cheio de misericórdia e fidelidade» (Ex 34, 6). Estas duas palavras exprimem, de modo sintético, as riquezas do nome divino. Em todas as suas obras, Deus mostra a sua benevolência, a sua bondade, a sua graça, o seu amor; mas também a sua credibilidade, a sua constância, a sua fidelidade, a sua verdade. «Hei-de louvar o vosso nome pela vossa bondade e fidelidade» (Sl 138, 2) (13). Ele é a verdade, porque «Deus é luz, e n'Ele não há

trevas nenhuma» (1 Jo 1, 5); Ele é «Amor», como ensina o apóstolo João (1 Jo 4, 8).

220. O amor de Deus é «eterno» (Is 54, 8): «Ainda que as montanhas se desloquem e vacilem as colinas, o meu amor não te abandonará» (Is 54, 10). «Amei-te com amor eterno: por isso, guardei o meu favor para contigo» (Jr 31, 3).

Deus realiza o seu desígnio: a divina Providência

302. A criação tem a sua bondade e a sua perfeição próprias, mas não saiu totalmente acabada das mãos do Criador. Foi criada «em estado de caminho» («in statu viae») para uma perfeição última ainda a atingir e a que Deus a destinou. Chamamos divina Providência às disposições pelas quais Deus conduz a sua criação em ordem a essa perfeição:

314. Nós cremos firmemente que Deus é o Senhor do mundo e da história. Muitas vezes, porém, os caminhos da sua Providência são-nos desconhecidos. Só no fim, quando acabar o nosso conhecimento parcial e virmos Deus «face a face» (1 Cor 13, 12), é que nos serão plenamente conhecidos os caminhos pelos quais, mesmo através do mal e do pecado, Deus terá conduzido a criação ao repouso desse Sábado definitivo, em vista do qual criou o céu e a terra.

O Homem

355. «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus. Ele o criou homem e mulher» (Gn 1, 27). O homem ocupa um lugar único na criação: é «à imagem de Deus»; na sua própria natureza, une o mundo espiritual e o mundo material; foi criado «homem e mulher»; Deus estabeleceu-o na sua amizade.

356. De todas as criaturas visíveis, só o homem é «capaz de

conhecer e amar o seu Criador» (216); é a «única criatura sobre a terra que Deus quis por si mesma»; só ele é chamado a partilhar, pelo conhecimento e pelo amor, a vida de Deus.

«Onde abundou o pecado, sobreabundou a graça»

386. O pecado está presente na história do homem. Seria vão tentar ignorá-lo ou dar outros nomes a esta obscura realidade. Para tentar compreender o que é o pecado, temos primeiro de reconhecer o laço profundo que une o homem a Deus, porque, fora desta relação, o mal do pecado não é desmascarado na sua verdadeira identidade de recusa e oposição a Deus, embora continue a pesar na vida do homem e na história.

«Vós não o abandonastes ao poder da morte»

410. Depois da queda, o homem não foi abandonado por Deus. Pelo contrário, Deus chamou-o e anunciou-lhe, de modo misterioso, que venceria o mal e se levantaria da queda.

424. Movidos pela graça do Espírito Santo e atraídos pelo Pai, nós cremos e confessamos a respeito de Jesus: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16). Foi sobre o rochedo desta fé, confessada por Pedro, que Cristo edificou a sua Igreja.

O anúncio do Reino de Deus

543. Todos os homens são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações. Para ter acesso a ele, é preciso acolher a Palavra de Jesus:

«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe».

Deus toma a iniciativa do amor redentor universal

604. Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10). «Deus prova assim o seu amor para connosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (Rm 5, 8).

605. Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» (Mt 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate pela multidão» (Mt 20, 28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar. No seguimento dos Apóstolos, a Igreja ensina que Cristo morreu por todos os homens, sem excepção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido»

645. Jesus Ressuscitado estabeleceu com os seus discípulos relações directas, através do contacto físico e da participação na refeição. Desse modo, convida-os a reconhecer que não é um espírito, e sobretudo a verificar que o corpo ressuscitado, com o qual se lhes apresenta, é o mesmo que foi torturado e crucificado, pois traz ainda os vestígios da paixão. No entanto, este corpo autêntico e real possui, ao mesmo tempo, as propriedades novas dum corpo glorioso: não está situado no espaço e no tempo, mas pode, livremente, tornar-se presente onde e quando quer, porque a sua humanidade já não pode ser retida sobre a terra e já pertence exclusivamente ao domínio divino do Pai. Também por este motivo, Jesus Ressuscitado é soberanamente livre de aparecer como quer:

sob a aparência dum jardineiro ou «com um aspecto diferente» (Mc 16, 12) daquele que era familiar aos discípulos; e isso, precisamente, para lhes despertar a fé.

Creio no Espírito Santo

683. «Ninguém pode dizer "Jesus é o Senhor" a não ser pela acção do Espírito Santo» (1Cor 12, 3). «Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: "Abbá! Pai!"» (Gl 4, 6). Este conhecimento da fé só é possível no Espírito Santo. Para estar em contacto com Cristo, é preciso primeiro ter sido tocado pelo Espírito Santo.

737. A missão de Cristo e do Espírito Santo completa-se na Igreja, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo. Esta missão conjunta associa, doravante, os fiéis de Cristo à sua comunhão com o Pai no Espírito Santo: o Espírito prepara os homens e adianta-se-lhes com a sua graça para os atrair a Cristo. Manifesta-lhes o Senhor ressuscitado, lembra-lhes a sua Palavra e abre-lhes o espírito à inteligência da sua morte e da sua ressurreição. Torna-lhes presente o mistério de Cristo, principalmente na Eucaristia, com o fim de os reconciliar, de os pôr em comunhão com Deus, para os fazer dar «muito fruto».

Creio na santa Igreja católica

748. «A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar todos os homens com a sua luz que resplandece no rosto da Igreja, anunciando o Evangelho a toda a criatura». É com estas palavras que começa a «Constituição Dogmática sobre a Igreja» do II Concílio do Vaticano. Desse modo, o Concílio mostra que o artigo de fé sobre a Igreja depende inteiramente dos artigos relativos a Jesus Cristo. A Igreja não tem outra luz senão a de Cristo. Ela é, segundo uma imagem cara aos Padres da Igreja, comparável à lua,

cuja luz é toda reflexo da do sol.

A Igreja – Povo de Deus

781. «Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que O teme e pratica a justiça. No entanto, aprovou a Deus salvar e santificar os homens não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse na santidade. Foi por isso que escolheu Israel para ser o seu povo, estabeleceu com ele uma aliança e instruiu-o progressivamente manifestando-se a Si mesmo e os desígnios da Sua vontade na história desse povo, e santificando-o para Si. Mas tudo isso aconteceu como preparação da Aliança nova e perfeita, que seria concluída em Cristo [...]. Esta nova Aliança instituiu-a Cristo no seu Sangue, chamando um povo, proveniente de judeus e pagãos, a juntar-se na unidade, não segundo a carne, mas no Espírito».

A comunhão entre a Igreja do céu e a da terra

957. A comunhão com os santos. «Não é só por causa do seu exemplo que veneramos a memória dos bem-aventurados, mas ainda mais para que a união de toda a Igreja no Espírito aumente com o exercício da caridade fraterna. Pois, assim como a comunhão cristã entre os cristãos ainda peregrinos nos aproxima mais de Cristo, assim também a comunhão com os santos nos une a Cristo, de quem procedem, como de fonte e Cabeça, toda a graça e vida do povo de Deus».

958. A comunhão com os defuntos.[...] A nossa oração por eles pode não só ajudá-los, mas também tornar mais eficaz a sua intercessão em nosso favor.

Maria - Mãe de Cristo, Mãe da Igreja

964. O papel de Maria em relação à Igreja é inseparável da sua união com Cristo e decorre dela directamente. «Esta associação de Maria com o Filho na obra da salvação, manifesta-se desde a concepção virginal de Cristo até à sua morte». Mas é particularmente manifesta na hora da paixão.

1024. Esta vida perfeita com a Santíssima Trindade, esta comunhão de vida e de amor com Ela, com a Virgem Maria, com os anjos e todos os bem-aventurados, chama-se «céu». O céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva.

«AMEN»

1061. O Credo, tal como o último livro da Sagrada Escritura termina com a palavra hebraica *Ámen*, palavra que se encontra com frequência no final das orações do Novo Testamento. Do mesmo modo, a Igreja termina com um «Ámen» as suas orações.

1062. Em hebraico, *Ámen* está ligado à mesma raiz que a palavra «crer», raiz que exprime solidez, confiança, fidelidade. Assim se compreende porque é que o «Ámen» se pode dizer tanto da fidelidade de Deus para conosco como da nossa confiança n'Ele.

1064. O «Ámen» final do Credo retoma e confirma, portanto, a palavra com que começa: «Creio». Crer é dizer «Ámen» às palavras, às promessas, aos mandamentos de Deus; é fiar-se totalmente n'Aquele que é o «Ámen» de infinito amor e perfeita fidelidade. A vida cristã de cada dia será, então, o «Ámen» ao «Creio» da profissão de fé do nosso Baptismo:

«Que o teu Símbolo seja para ti como um espelho. Revê-te nele, para ver se crês tudo quanto dizes crer. E alegra-te todos os dias na tua fé».

Próximas actividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

- Fev-13** Quarta-feira de Cinzas (Início da Quaresma)
- Fev-22 a 23** II Encontro Nacional FaMVD (Fátima)
- Fev-25** Retiro em Etapas (Tempo de Quaresma) – 1.^a
Etapa (Igreja do Campo Grande, 21h30m)
- Fev-26 a 28** Retiro On-Line (Quaresma)
- Mar-03** Eucaristia Jovens Fraternos (Paróquia do Campo Grande, 19h15m)
- Mar-04** Retiro em Etapas (Tempo de Quaresma) – 2.^a
Etapa (Igreja do Campo Grande, 21h30m)
- Mar-04** "Fé"nomenal - 5.^a Formação sobre a Fé (Casa da Palavra, 21h30m)
- Mar-08 a 10** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h00)
- Mar-09** Caminhos.com – 4.^a Sessão (Vale de Lobos, 10h30m)
- Mar-10** Feira da Primavera
- Mar-11** Retiro em Etapas (Tempo de Quaresma) – 3.^a
Etapa (Igreja do Campo Grande, 21h30m)
- Mar-18** Retiro em Etapas (Tempo de Quaresma) – 4.^a
Etapa (Igreja do Campo Grande, 21h30m)
- Mar-22 a 27** Peregrinação a Fátima
- Mar-23** “tu a Tu” (manhã de oração) (Casa da Palavra, 10h)
- Mar-24** Domingo de Ramos – XXVIII Dia Mundial da Juventude
- Mar-25** Encerramento Jubileu Verbum Dei (Maiorca)
- Mar 28 a 30** Páscoa Fraternal (Vale de Lobos)

Próximas actividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

- Abr-01** "Fé"nomenal - 6.^a Formação sobre a Fé (Casa da Palavra, 21h30m)
- Abr-06** Caminhos.com – 5.^a Sessão (Vale de Lobos, 10h30m)
- Abr-07** Eucaristia Jovens Fraternos (Paróquia do Campo Grande, 19h15m)
- Abr 9 a 11** Retiro On-Line (Páscoa)
- Abr-13** Encontro de Namorados e Famílias Verbum Dei (Vale de Lobos, 10h)
- Abr-20** Eucaristia da FaMVD (Casa da Palavra, 17h)
- Abr-20 a 21** 2.º Encontro Crisma (Vale de Lobos, 8h)
- Abr-21** X Jornada Diocesana da Juventude
- Abr-27** “tu a Tu” (manhã de oração) (Casa da Palavra, 10h)
- Mai-04** Caminhos.com – 6.^a Sessão (Vale de Lobos, 10h30m)
- Mai-05** Eucaristia Jovens Fraternos (Paróquia do Campo Grande, 19h15m)
- Mai-06** "Fé"nomenal - 7.^a Formação sobre a Fé (Casa da Palavra, 21h30m)
- Mai-10 a 12** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h)
- Mai-18** Eucaristia da FaMVD (Casa da Palavra, 17h)
- Mai-19** Domingo de Pentecostes
- Mai-25** “tu a Tu” (manhã de oração) (Casa da Palavra, 10h)
- Mai 25-26** Feira das Oportunidades

Mais informações e inscrições em www.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

www.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com